

Melhor é decidir nos penaltis do que golear ou ser goleado



Luís Lima

Hoje é dia de meias-finais no campeonato europeu de futebol que decorre em França. Logo à noite vamos jogar com o País de Gales, jogar “com” e não “contra”. As seleções nacionais de qualquer modalidade desportiva representam os respetivos países, com direito a que se toque os respetivos hinos antes do jogo, mas um jogo não é uma batalha entre onze guerreiros de uma nacionalidade e onze guerreiros de outra nacionalidade.

Os jogos que acabam empatados a zero que, por força dos regulamentos das provas, têm de ser decididos na marcação de penaltis não são bons para o público, que gosta de ver o espetáculo dos golos, nem para os jogadores que vão para os penaltis já cansados e sob natural pressão. Mas

Independentemente do resultado de logo à noite, Portugal continua a ser um bom destino para cativar galeses e outros britânicos a que invistam no nosso imobiliário. Os estrangeiros que aceitam viver com os outros e com as suas diferenças serão sempre bem acolhidos

eu julgo que, por vezes, é melhor decidir nos penaltis do que golear ou ser goleado.

Há portugueses e galeses que gostam de futebol e há portugueses e galeses que não gostam de futebol. Mas isto não impede que, independentemente do resultado de logo à noite, Portugal continue a ser um bom destino para ca-

tivar galeses e outros britânicos a que invistam no nosso imobiliário. Os estrangeiros que aceitam viver com os outros e com as suas diferenças serão sempre bem acolhidos.

O imobiliário também tem, historicamente, esta missão da inclusão. Nos Estados Unidos da América o acesso à habitação própria também

contribuiu, e ainda potencialmente contribuirá, para combater racismos existentes na sociedade norte americana. Seria bom que o futebol pudesse também aproximar povos diferentes.

E seria bom até para esta nossa vocação, quase uma necessidade, de nos abirmos ao investimento estrangeiro, o que aliás temos feito com bons resultados no mercado imobiliário, oferecendo segurança nos investimentos, qualidade na oferta e uma hospitalidade que tem muito a ver com a aceitação dos outros e com o cuidado que tentamos por na inclusão dos outros.

Claro que logo à noite eu ficarei naturalmente mais satisfeito se for a seleção de Portugal a que venha a apurar-se para a final do Euro 2016 marcada para o próximo domingo em Paris. Num desempate por penaltis, preferencialmente no final de um encontro cheio de golos e com a emoção da incerteza.

Num jogo suficientemente correto para ser pretexto de aproximação entre portugueses e galeses. A mesma aproximação que faz com que o nosso imobiliário continue a ser visto, aos olhos de muitos, sejam da União Europeia, sejam de países terceiros, como um bom destino para investimentos. A mesma realidade que faz do nosso imobiliário um produto de exportação muito procurado no estrangeiro.

Estou sinceramente esperançado que amanhã e nos dias que se seguem, Portugal continuará a ser visto como um bom país para viver. O exemplo da claque da Islândia que celebrou, no estádio, com os jogadores, a pesada derrota que a França impôs à seleção islandesa é inspirador. Os islandeses saem do Euro claramente a vencer. Feitos assim também consolidam aquilo que dizemos quando falamos na magia do futebol.

Presidente da CIMLOP
presidente@cimlop.com

Imobiliário: a principal exportação do país



Henrique de Polignac de Barros

Numa altura em que tanto se fala de exportações e da sua relevância para o equilíbrio das contas externas de Portugal, há que ter finalmente em conta que a venda de imóveis a estrangeiros é uma verdadeira exportação.

Não há muitas dúvidas que o imobiliário, a par do turismo, é actualmente um dos principais “motores” da economia portuguesa, registando volumes de investimento que poucos outros sectores deverão estar a registar. E uma grande fatia desse investimento é estrangeiro.

A exportação de imobiliário é efectivamente uma das mais rentáveis do nosso país, com a disseminação dos seus efeitos por outros tantos vectores da economia de forma prolongada. Porém, a principal exportação de Portugal, que vinha registando níveis históricos, está já a decair, com ameaças de parar definitivamente

Portanto, podemos concluir, desde já, que a venda de imóveis a estrangeiros - uma verdadeira exportação das empresas portuguesas - deve ser considerada como uma dos principais apostas para o crescimento económico e até para a criação de emprego no nosso país.

Mas mais, a exportação de imobiliário é efectivamente uma das mais rentáveis do nosso país, com a disseminação dos seus efeitos por outros tantos vectores da economia de forma prolongada.

Pensemos na venda de um imóvel a um estrangeiro. A exportação efectiva-se logo com o acto aquisiti-

vo. Nas restantes formas de exportação as suas vantagens terminariam aqui. No imobiliário não. Após a compra do imóvel é hoje quase certo que o investidor irá querer reabilitá-lo (impacto em toda a fileira da construção, que é vastíssima). Depois, muitos destes investidores quererão passar largas temporadas em Portugal (veja-se por exemplo o caso do Regime do Residente Não Habitual que obriga o investidor a residir cá metade do ano), fazendo com que haja uma série de outros negócios realizados em Portugal, como no turismo, no comércio, na restauração, etc..

Já para não falar dos impostos que serão liquidados cá, relativamente a todos estes actos: IMT, IMI, IS, IVA.

Assim, a venda de imóveis a estrangeiros, não é só uma verdadeira exportação, como a principal das exportações.

Porém, a principal exportação de Portugal, que vinha registando níveis históricos, está já a decair, com ameaças de parar definitivamente, devido, em grande parte, ao eventual e nefasto retrocesso da lei do arrendamento e da eventual (e arbitrária) classificação das lojas históricas. Gravíssimo está também a ser o receio que os investidores já sentem da anunciada criação de uma taxa progressiva de IMI, absolutamente desencorajadora de quem queira investir em imobiliário português.

Portugal deveria antes aproveitar este momento de grande volatilidade dos mercados financeiros para atrair os investidores que, assim encontrariam uma alternativa mais segura para investirem os seus capitais em bens imobiliários, capitais esses que seriam muito bem-vindos e que tanta falta nos fazem.

Presidente da APPII - Associação Portuguesa de Promotores e Investidores Imobiliários